

POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: O ENSINO DA ARTE QUEER

POSSIBILITIES FOR DISTANCE EDUCATION: THE TEACHING OF QUEER ART

POSIBILIDADES PARA LA EDUCACIÓN A DISTANCIA: LA ENSEÑANZA DEL ARTE QUEER

Rogério Gomes do Nascimento Silva¹

Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo refletir sobre uma abordagem inclusiva para a comunidade de alunos LGBTIA+, através de atividades realizadas no âmbito da Educação a Distância (EAD). O propósito é que tais atividades sejam representativas, em especial, para os transgêneros e travestis. Busca-se contribuir, dessa forma, com a concepção de diversidade no âmbito escolar. Através de revisão bibliográfica e investigação de práticas distintas *online*, analisamos o assunto pela ótica pedagógica, ao apresentar a Arte Queer como uma significativa ferramenta de inclusão. Em um primeiro momento, discorremos sobre a educação libertadora e autonomia dos discentes no processo de aprendizagem e inclusão. Nos demais tópicos, versamos sobre as definições do corpo sujeito, da Arte Queer, oficinas e exposições de Arte Queer. Na conclusão, revelamos a urgência de atividades voltadas para essa população.

Palavras-chave: Arte Queer. Educação a Distância. Ensino das artes visuais. Transexuais. Travestis.

Abstract

This research aims to reflect on an inclusive approach for the LGBTIA + student community, through activities carried out within the scope of Online Distance Education (ODE). The purpose is for such activities to be representative, especially for transgender and transvestites. Thus, we seek to contribute to the concept of diversity in the school environment. Through bibliographic review and investigation of different online practices, we analyzed the subject from the pedagogical point of view, when presenting Queer Art as a significant inclusion tool. At first, we talked about the liberating education and autonomy of students in the process of learning and inclusion. In the remaining topics, we deal with the definitions of the subject body, Queer Art, Queer Art workshops and exhibitions. At the conclusion, we reveal the urgency of activities aimed at this population.

Keywords: Queer Art. Distance Education. Visual art teaching. Transsexuals. Transvestites.

Resumen

La presente investigación tiene el objetivo de reflexionar sobre un acercamiento inclusivo destinado a la comunidad de alumnos LGBTIA+, por medio de actividades realizadas en el marco de la educación a distancia (EAD). El propósito es que tales actividades sean representativas, en especial, para transgéneros y travestis. Se busca contribuir, de esa forma, con la concepción de diversidad en el ámbito escolar. A través de revisión bibliográfica y estudio de prácticas distintas *online*, analizamos el tema desde la óptica pedagógica, al presentar el Arte Queer como significativa herramienta de inclusión. En un primer momento, discurremos sobre la educación liberadora y la autonomía de los discentes en el proceso de aprendizaje e inclusión. En los demás ítems, hablamos sobre las definiciones del cuerpo sujeto, del Arte Queer, talleres y exposiciones de Arte Queer. En la conclusión, revelamos la urgencia de actividades dirigidas a esa población.

Palabras-clave: Arte Queer. Educación a Distancia. Enseñanza de artes visuales. Transexuales. Travestis.

¹ Centro Universitário Internacional Uninter. Licenciatura em Artes Visuais. E-mail: rogerionascimento@gmail.com.

1 Introdução

“Representatividade importa se pressupor compromisso social, senso de coletividade, compromisso com a transformação e ruptura das estruturas transfóbicas e de exclusão.” (OLIVEIRA; YORK, 2020, p. 09). Com esta citação retirada do *Manifesto Travesti*, de Sara Wagner York e Megg Rayara Gomes Oliveira, iniciamos este texto que tem como objetivo ampliar as reflexões a respeito do conceito de inclusão, tratando especificamente da população trans/travesti. A intenção é mostrar, além da carência inclusiva, a urgência da difusão cultural deste grupo no âmbito escolar através de ferramentas para a Educação a Distância (EaD).

A necessidade da inclusão deste segmento discente é percebida pela alta evasão escolar causada por preconceito e *bullying*. Este quadro é muito diferente da situação enfrentada na escola pública Orville Derby, em São Paulo, onde foi realizado outro estágio do curso (Estágio Supervisionado: Ensino Médio - oferta 170680) — cujo Projeto Político Pedagógico da instituição abrange a diversidade e respeito para com todas as minorias. Essa ocorrência é ímpar em uma cidade como São Paulo e no estado com maior número de assassinatos de pessoas trans/travestis em 2019 (21 mortes), segundo dossiê publicado pela ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais, no ano de 2020.

Diante deste quadro, através de revisão literária, abordaremos alguns teóricos de uma pedagogia inclusiva, como Paulo Freire e Fernando Hernández. Versaremos, do mesmo modo, sobre a arte como ferramenta de inclusão, através da Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa. Trataremos, também, sobre a relação com o corpo, tema indissociável desta comunidade, e seu uso como resistência ao poder na contemporaneidade.

Em outro momento, elucidaremos a definição da terminologia Queer e Arte Queer, bem como indicações de atividades representativas nos meios digitais, como o exemplo da Oficina de Introdução à Teoria Queer, realizado pela Oficina Oswald de Andrade — instituição da Secretaria de Cultura da Cidade de São Paulo.

Com estes tópicos, consideramos chegar à conclusão de que é imprescindível uma aproximação cultural com a comunidade trans/travesti para avanços no processo inclusivo de discentes transexuais, travestis ou em processo de transformação e como isto pode ser realizado tendo a EaD como um instrumento de acesso convergente.

2 Metodologia

A produção desta pesquisa ocorre no momento em que o país se encontra em quarentena, devido à pandemia de Covid-19; portanto, a metodologia para esse artigo foi feita através de pesquisas virtuais e revisão de literatura. Procuramos estabelecer relações e justificativas para o tema ‘Possibilidades para a Educação a Distância: ensino da Arte Queer’ nas obras estudadas, ao realizar uma análise a partir dos dados bibliográficos. Foram utilizadas, também, como referência, oficinas culturais *online* e visitas virtuais a exposições relacionadas ao assunto.

Em um primeiro momento trataremos de alguns teóricos que, de certa maneira, já versavam sobre a abordagem inclusiva em seus estudos, como Paulo Freire, Fernando Hernandez e Ana Mae Barbosa. Daremos continuidade no capítulo seguinte refletindo a respeito do corpo, tema indissociável quando nos referimos a comunidade transgênero/travesti — por intermédio de estudos de Michel Foucault, Judith Butler, Paul Preciado e um artigo de Silvana Nascimento. Na sequência, apresentaremos a produção artística denominada Queer, a Oficina de Introdução à Teoria Queer e, por último, as considerações finais.

3 Educação libertadora

A concepção humanista da obra de Paulo Freire, sem dúvida, é o principal ponto norteador para uma justificativa inclusiva e emancipadora da comunidade tratada, a comunidade Queer. Embora em sua época esse grupo estivesse muito distante de sua realidade, é possível abordá-lo na contemporaneidade com o olhar freiriano. O caráter amoroso de sua pedagogia é posto em prática na própria comunidade em questão, uma vez que o indivíduo que não se conforma em viver à margem ou na prostituição busca através dos estudos sua autonomia e seu lugar como agente social.

Dessa forma, passa a atentar com seus semelhantes em uma espécie de sororidade que acaba por marcar sua trajetória através de reconhecimento e assunção de identidade cultural, como defende Freire; e por sororidade podemos compreender relação de irmandade, união e afeto entre mulheres. Claro que para que isso ocorra, há de se proporcionar possibilidades de apreensão da realidade, onde somente uma convicção de mudança praticável poderá intervir no sujeito, libertando-o como objeto da história, tornando-se sujeito histórico transformador/criador.

Na mesma perspectiva de Freire, porém já com uma proposição mais elaborada para uma práxis educativa, temos os estudos de Ana Mae Barbosa e sua Abordagem Triangular, que coloca a arte como ferramenta principal para a realização de uma aprendizagem emancipadora. No processo desta ferramenta, temos novamente o sujeito deixando de ser objeto (ou simples receptor

de conhecimentos), para se posicionar na realidade, transformando-a e criando através do aprendizado.

Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo e Clarissa Martins de Araújo resumem a dialógica da Abordagem Triangular através da leitura de imagens:

[...] no processo de produzir leituras de imagens, a dimensão estética e a dimensão política não podem ser dissociadas, uma vez que a separação entre as duas dimensões justifica ideologicamente as desigualdades sociais, fazendo prevalecer o código do poder (AZEVEDO; ARAÚJO, 2015, p. 347).

Para complementar essa linha teórica, Fernando Gonzáles (1998) nos apresenta a necessidade de um tratamento específico curricular para uma completa autonomia dos discentes. Baseado no conceito de globalização, Gonzáles defende que os docentes tragam para o aprendizado do aluno demandas sociais que não encontramos nas disciplinas presentes no currículo escolar.

Sueli Fernandes, em seu livro *Fundamentos para educação especial* (2013), é incisiva na introdução do quarto capítulo quanto à inclusão, ao afirmar que: “[...] atada à concretização de um currículo que reflita as necessidades diferenciadas de todos os alunos presentes na escola, e não apenas de uma parcela deles.” (FERNANDES, 2013, p. 157). A autora segue corroborando com Gonzáles:

Na escola inclusiva, pressupõe-se uma concepção cuja práxis tenha como princípio o compromisso com a qualidade de uma sólida formação integral ao aluno, oferecendo conhecimentos que lhe sirvam à análise crítica acerca da realidade em que se insere, de modo a contribuir para a consolidação de uma sociedade que supere, definitivamente, desigualdades sociais. É nessa escola que educadores comprometidos acreditam (FERNANDES, 2013, p. 158).

Dentro deste cenário apresentado pelos três teóricos e as citações acima, percebemos a iminência de atividades relacionadas à esfera social e cultural dos alunos em questão. Trata-se de um grupo social que ainda é marginalizado, sofre preconceito constantemente no campo familiar e escolar e, por vezes, não conta com suporte ou acolhimento para sua formação. Concordamos que esta situação necessita de urgente transformação.

4 Corpo sujeito

O trânsito ou a troca de gênero sempre foi visto como anomalia ou tabu na história da sociedade ocidental e somente através dos estudos de Michel Foucault, em *História da Sexualidade* (1984) e *O Corpo Utópico* (2013), essa imagem começa a ser revista. É imprescindível citar, também, os textos de *Vigiar e Punir* (2013), sobre a disciplinaridade dos corpos e a relação destes com o poder. Estas obras foram fundamentais para estudiosos da Teoria Queer, como Judith Butler e Paul Beatriz Preciado.

Butler sugere uma história dos corpos que não reduza a cultura à imposição da lei sobre o corpo; neste aspecto, a autora critica Foucault, como aponta Sarah Salih (2019). Butler também argumenta que, na construção cultural de sexo e gênero, ambos agem performativamente — ao apresentar estabilidade corporal; ou seja, os corpos são construídos através do discurso. Preciado vai além de Butler em seu *Manifesto Contrassexual* (2014) e coloca o corpo como uma forma de resistência ao poder.

Na História da Arte, o corpo já foi utilizado como suporte por diversos artistas, da modernidade à contemporaneidade, criando tensões críticas sobre a idealização da sociedade:

O “corpo artista”, expressão cunhada pela pesquisadora Christine Greiner, é justamente o corpo que vibra na contramão desse panorama de idealização. Sua potência está na forma como ele ajudaria a humanidade a se alimentar de conhecimentos com base na desestabilização de antigas certezas (CANTON, 2009, p. 25).

O corpo na contemporaneidade detém um paradigma político e com possibilidades de transformar a sociedade. Temos observado que as populações consideradas minorias têm enfrentado, através de muitas lutas, o sistema normativo em busca de seus direitos e inclusão; ao que se refere à comunidade de trans/travestis, torna-se claro quando observamos quantas/quantos destas/destes saíram da marginalidade e da prostituição e incansavelmente buscam papéis sociais em outros campos de ação, seja nas artes, serviços e no meio acadêmico, inclusive. Esse deslocamento de papéis na sociedade está diretamente relacionado com o corpo sujeito, que deixa de ser um objeto para se tornar agente transformador, através do conhecimento que passa a usar em seu favor e muitas vezes para os demais — por intermédio da política, pois uma vez emancipado, aponta a seus semelhantes possibilidades de afirmação e autonomia.

De acordo com a autora Silvana Nascimento (2017), no artigo *A cidade no corpo: diálogos entre corpografia e etnografia*, a etnografia, conceito tanto no texto como em sua acepção literal,

está diretamente ligada à multiculturalidade da cidade, à diversidade cultural e sua dimensão simbólica. Dessa forma, relacionamos novamente a comunidade trans/travesti como uma fração dessa pluralidade, juntamente com tantas outras minorias que reivindicam seu espaço como atores sociais, ao buscar políticas e direitos e exportar sua cultura para além do gueto. A autora conclui, em seu texto, que através do diálogo entre linhas teóricas e distintas, que nos fazem pensar com o olhar do outro, saindo de nossa zona de conforto, é o que nos leva a considerar que esta mesma prática aplicada às minorias é capaz de transformar o olhar e o sentir a urbe.

Consideramos pertinente também a este tópico citar o irreverente dicionário *Aurélia - a dicionária da língua afiada*, lançado originalmente em 2006 na comunidade LGBTIA+ paulistana e que já identificava as diferenças das terminologias dos corpos trans que tratamos aqui:

Trans - S.c.2g. Forma abreviada de transexual, transformista, transboy e transgênero.

Transexual - S.c.2g. Aquele(a) que se submeteu a tratamentos à base de hormônios e procedimentos cirúrgicos (amputação ou implante de pênis) para troca de sexo, na tentativa de alinhar a anatomia à identidade sexual: não confundir com travesti nem com transformista; [...]

Travesti - S.c.2g. Homossexual que se veste e se comporta como mulher, quer faça programa ou não. [...] (VIP; LIBI, 2013, p. 127)

Nesta obra estão reunidas de maneira espirituosa as terminologias usadas pela comunidade LGBTIA+, muitas oriundas da língua *yorubá*, originando o ‘pajubá’, constituído pelas gírias utilizadas por este corpo social.

5 A Arte Queer

De origem inglesa, o termo ganhou conotação sexual no século XIX e era utilizado como ofensa para afeminados. A partir do final da década de 1960, no turbilhão da contracultura, o movimento hippie e posteriormente o punk, a comunidade LGBT apropriou-se e legitima o vocábulo com caráter identitário. O termo *Queer* abrange todas as identidades presentes na sigla LGBTIA+ (Lésbicas, Gays, Trans ou Travestis, Intersexuais, Assexuais e Simpatizantes), podendo ainda acolher novas possibilidades identitárias — o que contesta normas de gênero, sexo e sexualidade.

Até o final do século XX, era comum alguns programas televisivos de auditório exibirem desfiles de travestis, que performavam seu trabalho em produções de figurinos, cabelos e maquiagem, trazendo uma dialética ao espectador entre o grotesco e uma baixa arte², denominada,

² Jack Halberstam trata por baixa arte a indústria cultural de massas, como blockbusters e seriados televisivos.

então, de travestismo. Durante esse mesmo período, se popularizam, também, as *Drag Queens* — sinônimo de alegria e festividade em eventos e festas, sendo o performer, considerado um ator.

A partir do século XXI, a discussão de gênero, sexo e sexualidade ganha mais destaque nas linguagens artísticas. Artistas trans/travestis começaram a buscar reconhecimento e aceitação de seu papel social, além de despontarem em exposições focadas não somente na temática gênero, sexo e sexualidade, como também em outras asserções.

Na música, destacam-se nomes como Banda Uó, As Baías e a Cozinha Mineira, Linn da Quebrada, Jup do Bairro, Liniker, Potyguara Bardo e Gloria Groove, expressões da habilidade artística trans/travesti.

Em 2019, o filme curta-metragem *Swinguerra*, de Bárbara Wagner e Benjamin De Burca, ganha destaque na 58ª Bienal de Veneza, apresentando um curioso fenômeno social da periferia de Recife onde dançarinas transgêneros promovem concursos de dança. Nesse mesmo ano, o filme *Bixa Travesty* (2018), dirigido por Cláudia Priscilla e Kiko Goifman, documentário com Linn da Quebrada, corre o mundo, sendo premiado em diversos festivais internacionais de cinema. Relevância também para os longa-metragens: *Divinas Divas* (2016) dirigido por Leandra Leal, *Favela Gay* (2013), dirigido por Rodrigo Felha e *São Paulo em hi-fi*, dirigido por Lufe Steffen, (2015).

No universo das artes cênicas, Glamour Garcia, Leo Moreira e Renata Carvalho figuram como potências significantes para o teatro, cinema, telenovelas e afins.

Nas artes visuais, diferentemente da polêmica exposição *Queer Museu*, promovida pelo grupo Santander em 2018, que ganhou os noticiários com manifestações de grupos conservadores e acabou sendo fechada, hoje temos outras mostras de artistas que estão abertas para visitação *online*, entre elas a *TRANSvisual*, a *Queerentena* e a *#PocConEmCasa*, algumas delas surgidas no período de isolamento social. São ações que refletem a necessidade de expressão de um discurso cultural rejeitado e discriminado por séculos.

6 Oficina de Introdução à Teoria Queer

Em 2020, participamos de uma oficina de Introdução à Teoria Queer, na turma extra da segunda edição deste evento, oferecida pela Oficina Cultural Oswald de Andrade, instituição mantida pela Secretaria de Cultura da Cidade de São Paulo. Durante 4 encontros, Sara Wagner York e Rafael Leopoldo desfiaram a Teoria Queer através de diversos manifestos: o *Manifesto*

Ciborgue, de Donna Haraway; o *Manifesto Gaga*, de Jack Halberstam e o *Manifesto Contrassexual*, de Paul B. Preciado. Tratados como gênero literário, tornaram possível uma compreensão da Teoria Queer como disruptiva, pós-identitária, pós-estruturalista e propositiva.

As relações apontadas por York e Leopoldo entre os manifestos geram reflexões singulares, como, por exemplo, a comparação entre os procedimentos de estética femininos presentes na atualidade com as transformações hormonais ou cirúrgicas de indivíduos trans. Denunciam também a carência linguística de gênero neutro para a representatividade do grupo social, condição que observamos cada vez mais ocorrentes em reuniões, oficinas e eventos voltados para a comunidade LGBTIA+, através da substituição do “o” e “a” pelo “e”.

O público participativo desta oficina compunha-se de alunos do Ensino Médio, graduação, professores e artistas, com 30 pessoas por turma; e como mencionado anteriormente, com grande procura, o que demonstra a escassez de práticas não só para a comunidade em si, como para outros interessados. Ao término da oficina, torna-se evidente que a urgência de estudos sobre corpos, identidade e poder na contemporaneidade é fator crucial para o desenvolvimento de uma pedagogia mais humanista e inclusiva deste grupo, e, refletindo assim na própria sociedade.

7 Considerações finais

Os poucos estudos e esparsa literatura sobre o tema não condizem com uma realidade em que um grupo que cada vez mais ganha espaço: o público LGBTIA+. Tanto nas mídias como em premiações importantes e internacionais, os artistas dessa comunidade têm recebido significativo reconhecimento, seja nas artes plásticas, no cinema, na música ou no teatro.

Outro aspecto relevante é a aceitação da transição de gênero entre os filhos das famílias mais esclarecidas, que buscam respaldo para uma integração menos traumática de sua prole. O preconceito ainda é uma das causas de evasão escolar de jovens em transição de gênero nas escolas, tanto pelos docentes quanto pelos colegas de classe.

Os indivíduos da comunidade LGBTIA+ estão presentes nas diversas linguagens artísticas, como teatro, cinema, quadrinhos, música e artes plásticas; nesse sentido, a Arte Queer é uma forma de reconhecimento e representação, tanto para o grupo de alunos em processo de formação identitária quanto para os demais, ao transformar aspectos negativos em aceitação, compreensão e respeito pela diversidade.

A representatividade para comunidades trans/travesti através de oficinas — sejam trabalhos de introdução à cultura do grupo, convivência ou história da arte — são essenciais. Muitos artistas, como Andy Warhol, Flávio de Carvalho e Marcel Duchamp se travestiram em performances que questionavam a identidade de gênero. No Queer Museu, existem obras de artistas como Adriana Varejão, Alfredo Volpi, Leonilson e Lygia Clark; há, também, exposições sobre a iconografia da cultura popular, com trabalhos de Ney Matogrosso, Roberta Close, Maria Gadú e Linn da Quebrada, por exemplo. Na contemporaneidade, a manifestação da cultura trans/travesti é representada por artistas consagrados nas artes visuais (Aggripina R. Manhattan, Rafael B. Queer, Laerte Coutinho, Raylander Matos dos Anjos, entre outros) e filmes premiados sobre a temática (*Bixa Travesty*, *Swinguerra*, *Corpo elétrico*, entre outros). Essas manifestações artísticas são fundamentais para a inclusão desse grupo, tanto em modalidades de ensino presencial, como em EaD.

Portanto, deve haver representatividade na produção desses artistas, a fim de contribuir no processo de auto aceitação do aluno. Deve-se valorizar um recorte inovador através da arte, objetivando incluir participantes de todas as esferas da sociedade e transformando-os por meio da diversidade.

Referências

- AZEVEDO, F. A. G.; ARAÚJO, C. M. Abordagem Triangular: leitura de imagens de diferentes códigos estéticos e culturais. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 2 n. 3, p. 345-358, dez. 2015.
- BENEVIDES, B. G.; BONFIM, S. N. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020
- BUTLER, J. **Cuerpos que importan**: sobre los limites materiales y discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BUTLER, J. **Deshacer el género**. Buenos Aires: Paidós, 2004.
- BUTLER, J. P. **Prearious life**: the powers of morning and violence. London: Verso, 2004.
- CANTON, K. **Corpo, identidade e erotismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

- FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Lisboa: Edições 70, 2013.
- FERNANDES, S. **Fundamentos para educação especial**. Curitiba: InterSaberes, 2013.
- HALBERSTAM, J. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe, 2020.
- HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues - dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- MARÍN, E. L. **O show travesti: estudo e análises de um espetáculo teatral**. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.
- NASCIMENTO, S. A cidade no corpo: diálogos entre corpografia e etnografia. **Ponto Urbe**, 2016. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/3316>. Acesso em: 04 mar. 2021.
- OLIVEIRA, M. R. G.: YORK, S.W. Manifestações textuais (insubmissas) travestis, **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, 2020.
- PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 Edições, 2014.
- SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- VIP, A. e LIBI, F. **Aurélia, a Dicionária da língua afiada**. São Paulo: Clara, 2006.
- ZUCON, O. e BRAGA, G. G. **Introdução às culturas populares no Brasil**. Curitiba: InterSaberes, 2013.
- FILMES**
- BIXA Travesty**. Direção de Cláudia Priscilla e Kiko Goifman. São Paulo: Válvula Produções, 2018. (75 min.)
- DIVINAS Divas**. Direção de Leandra Leal. Rio de Janeiro: Daza Filmes, 2016. (110 min.)
- FAVELA Gay**. Direção de Rodrigo Felha. Rio de Janeiro: Luz Mágica Produções, 2013. (72 min.)
- SÃO PAULO em hi-fi**. Direção de Lufe Steffen. São Paulo: Cigano Filmes, 2015. (100 min.)
- SWINGUERRA**. Direção de Bárbara Wagner e Benjamin Burca. Pernambuco: Ponte Produções, 2019. (23 min.)